



1486 - Pôster - XII ANPEd-SUL (2018)  
Eixo Temático 19 - Educação e Arte

Pesquisas (entre)laçadas nos percursos de uma educação pelo sensível: narrativas cartográficas pelo viés da criança, do adolescente e do idoso

Letícia Caroline da Silva Jensen - UNIVILLE - UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

Patrícia Regina de Carvalho Leal - UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

Silvia Sell Duarte Pillotto - UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

Rita de Cassia Fraga da Costa - UNIVILLE - UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES, FAP (UNIVILLE), FAPESC

Como as experiências, memórias e compartilhamento de ideias podem contribuir para uma educação pelo sensível para crianças, adolescentes e idosos? Esta pergunta permeou três pesquisas, que foram desenvolvidas de forma (entre)laçada, com o objetivo de (re)significar práticas educativas na educação formal e não formal, por meio da artesanaria, da literatura e das narrativas autobiográficas de experiências na docência. Subsidiaremos nossas pesquisas com: Brandão (1995), Meira e Pillotto (2010), Larrosa (2016), Duarte Jr. (2010). A abordagem de pesquisa envolveu especialmente as narrativas autobiográficas, com base em Clandinin e Connelly (2015), Benjamin (2012), Josso (2004), bem como a cartografia, a partir de Passos, Kastrup e Escóssia (2015) e Deleuze (1988). Por meio da artesanaria e da literatura, a socialização entre grupos de idosos e adolescentes, respectivamente, se intensificou, mobilizada pelas narrativas que surgiram à medida em que as construções identitárias e as memórias eram (re)significadas. As narrativas autobiográficas, por sua vez, ao mesmo tempo em que contribuíram para o encontro do nosso eu criança, provocaram a autorreflexão sobre a formação docente, permitindo um pensar mais abrangente sobre a importância de práticas educativas sensíveis na infância.

**Pesquisas (entre)laçadas nos percursos de uma educação pelo sensível: narrativas cartográficas pelo viés da criança, do adolescente e do idoso**

**Resumo:** Como as experiências, memórias e compartilhamento de ideias podem contribuir para uma educação pelo sensível para crianças, adolescentes e idosos? Esta pergunta permeou três pesquisas, que foram desenvolvidas de forma (entre)laçada, com o objetivo de (re)significar práticas educativas na educação formal e não formal, por meio da artesanaria, da literatura e das narrativas autobiográficas de experiências na docência. Subsidiaremos nossas pesquisas com: Brandão (1995), Meira e Pillotto (2010), Larrosa (2016), Duarte Jr. (2010). A abordagem de pesquisa envolveu especialmente as narrativas autobiográficas, com base em Clandinin e Connelly (2015), Benjamin (2012), Josso (2004), bem como a cartografia, a partir de Passos, Kastrup e Escóssia (2015) e Deleuze (1988). Por meio da artesanaria e da literatura, a socialização entre grupos de idosos e adolescentes, respectivamente, se intensificou, mobilizada pelas narrativas que surgiram à medida em que as construções identitárias e as memórias eram (re)significadas. As narrativas autobiográficas, por sua vez, ao mesmo tempo em que contribuíram para o encontro do nosso eu criança, provocaram a autorreflexão sobre a formação docente, permitindo um pensar mais abrangente sobre a importância de práticas educativas sensíveis na infância.

**Palavras-chave:** práticas educativas, pesquisas (entre)laçadas, narrativas cartográficas, sensibilidade, encontros.

## INTRODUÇÃO

Unir crianças, adolescentes e idosos em um estudo pode gerar estranhamento, pois são públicos diferenciados, que exigem didáticas distintas. No entanto, ao longo do percurso de três pesquisas (entre)laçadas, ocorridas na academia, percebemos um ponto de intersecção: a educação pelo sensível por meio de experiências e compartilhamentos de ideias.

Nossas pesquisas fundamentaram-se em Duarte Júnior (2010, p. 13), quando diz que:

A educação do sensível nada mais significa do que dirigir nossa atenção de educadores para aquele saber primeiro que veio sendo sistematicamente preterido em favor do conhecimento intelectual, não apenas no interior das escolas mas ainda e principalmente no âmbito familiar de nossa vida cotidiana.

Levando em consideração não só a instituição escolar, analisamos também um espaço não formal de educação, entendendo que cultura e ambiente social constituem tanto o sujeito quanto as suas construções identitárias e conhecimentos. Assim como diz Brandão (1995, p. 47): "A educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes".

Nessa convivência entre grupos e sujeitos, os vínculos passam a ser essenciais, combustível para a criação e para o desenvolvimento de percepções e afetamentos. "Os processos de criação e o afeto, nesta perspectiva, estão relacionados à sensibilidade e esta não é privilégio de artistas" (MEIRA, PILLOTTO, 2010, p. 28).

## A EXPERIÊNCIA POR MEIO DAS NARRATIVAS

Outro ponto em comum em nossas pesquisas (entre)laçadas foi a narrativa autobiográfica. Percebemos que, por meio dela, tanto nós, pesquisadoras, quanto os participantes das pesquisas, se expuseram, abrindo, então, um caminho sem fim para novas indagações, (re)significações e afetamentos.

Para compreender sobre a importância de uma educação pelo sensível nas instituições de educação infantil, optamos pela narrativa autobiográfica, com foco na trajetória docente de uma das pesquisadoras. Nos percursos narrativos da pesquisa, destacam-se as vivências estéticas que foram importantes em sua infância, a formação inicial, a trajetória docente na educação infantil, sinalizando pistas, que levaram

à compreensão de quais sentidos e significados para a criança e para o professor deixam marcas nas construções identitárias. A escolha pela narração da própria história se deu, principalmente, porque, conforme afirma Josso (2004, p. 60):

Elaborar a sua narrativa de vida e a partir daí, separar os materiais, compreendendo o que foi a formação para, em seguida, trabalhar na organização do sentido desses materiais ao construir uma história a sua história, constitui uma prática de encenação do sujeito que torna-se autor ao pensar a sua vida na sua dos desafios do presente entre a memória revisitada e o futuro já atualizado, porque induzido por essa perspectiva temporal.

Quando se desafia a narrar e a registrar a própria história, inicia-se um processo de autoria, no qual os trajetos vividos e escolhidos durante a pesquisa surgem das inquietudes. A experiência formadora implica numa relação entre atividade, sensibilidade, afetividade e idealização. A opção pela narrativa autobiográfica, no entanto, vai muito além da emissão de relatório de vida. É constituída fundamentalmente em partilhar experiências vividas, impulsionadas por memórias.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão — no campo, no mar e na cidade —, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele (BENJAMIN, 2012, p. 221).

Assim, tornamo-nos artistas de nós mesmos, narrando as histórias que nos determinaram e continuam a nos construir humanos.

Entre os idosos, o fazer artesanal apareceu principalmente nas práticas da artesanaria. Em cada ponto dado no panô, tecido escolhido, produção terminada, lá estão os detalhes de uma vida no campo, do casamento que não deu certo ou das memórias de outrora. Entre os adolescentes, as narrativas oral e escrita das práticas literárias, permitiram o reavivamento de momentos marcantes, na maioria, sofridos, que os constituem como jovens que ainda não conhecem a própria voz.

Nesse sentido, em nossas pesquisas, procurávamos, assim como nos dizem (CLANDININ, CONNELLY, 2015, p. 22): “A vida das pessoas e como elas são compostas e vividas é o que nos interessava observar, participar, pensar sobre dizer e escrever; sobre o fazer e o ir e vir de nossos colegas, seres humanos”.

## A CARTOGRAFIA QUE ENVOLVE

A cartografia se faz movimento de constante encontro e deslocamento de vínculos afetivos e ações. É nesse trajeto que buscamos as possibilidades de estudo/reflexão dentro dos territórios onde estamos imersas. Como sugerem Passos, Kastrup e Escóssia (2015, p.10), é deixar a cartografia fluir por: “acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexões de redes ou rizomas”.

Buscamos o que se dá no campo de pesquisa, a interrelação entre pesquisadores, a entrega, os olhares, os sentimentos, os sorrisos, os choros — itens antes considerados incompatíveis com a pesquisa científica.

Durante as oficinas estéticas de literatura e de artesanaria, realizadas com adolescentes e idosos, respectivamente, percebíamos o entrosamento vindo a partir da prática, a experiência que perpassava corpos e mentes, em busca de significações.

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos (LARROSA, 2016, p. 17).

Os caminhos da cartografia e das experiências sensíveis contribuíram para dinâmicas de pesquisas (entre)laçadas constituídas de incontáveis fluxos que nutriram nossos sentidos, alimentando (res)significações, ampliando percepções para o novo no cotidiano, nos instrumentalizando a respeitar todas as subjetividades.

Nesse viés, apropriamo-nos do conceito de “encontro”, explicitado por Deleuze (1988, s.p), que se dá na “espreita”, quando: “[...] estou à espreita de algo que passa dizendo para mim...isso me perturba”. Então, sobretudo, produzimos encontros com as sensações, os sentires e as sensibilidades, permitindo, como dizem as palavras de Rolnik (2016, p.68), acompanhar o “quanto a vida está encontrando canais de efetuação”.

Aos poucos, pesquisas, pesquisadores e pesquisados, foram desenhando produções que se resolveram no movimento de seus processos, em percursos de devires constantes, desprendidos de soluções finais. De modo que, imersos nas pesquisas (entre)laçadas, diante de suas transversalidades, todos os seus sujeitos encontraram o estreitamento de laços afetivos e a ampliação de aprendizagens surgidas no acompanhar de várias trocas no processo e construção de saber-fazer-saber.

## REFLEXÕES

A contribuição da experiência e do compartilhamento de ideias para uma educação pelo sensível para crianças ocorre quando elas deixam de ser reprodutoras do conhecimento e se tornam protagonistas de suas histórias nas instituições de educação infantil. Nesse lugar, existe uma relação de afeto entre professor e crianças em uma construção compartilhada definida como o saber-fazer-saber.

Entre os adolescentes e idosos, as experiências sensíveis por meio da literatura e da artesanaria proporcionaram um conhecer e reconhecer a si mesmo. Na juventude, isso se dá a partir do momento em que as narrativas trazem à tona uma voz de sujeito social, pertencente a um grupo e a um contexto. Na terceira idade, as memórias são preponderantes, revisitando o que essas pessoas foram um dia, suas potencialidades e experiências de vida, movimentando outras sensações e possibilidades do presente.

Para finalizar nossas proposições, retomamos nossa questão inicial: como as experiências, memórias e compartilhamento de ideias podem contribuir para uma educação pelo sensível para crianças, adolescentes e idosos? Nossas pesquisas (entre)laçadas, talvez, não tenham uma resposta definitiva, mas o entendimento de que se a pesquisa é vida, como nos indica Maturana (2014), o sensível está imerso em nossas práticas educativas.

Em nossas experiências como pesquisadoras (entre)laçadas, desvelamos que ao mesmo tempo que vivemos conhecemos e vice-versa. A partir dessa ideia, o saber-fazer-saber se dá como ciclo vivo, de uma força formativa que parte do saber na experiência, retroalimentando nossas sensibilidades.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 8ª Edição. Ver. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras Escolhidas v. 1).
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário Gilles Deleuze**: uma realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnesse, Paris. 1988.

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. 5.ed. Curitiba: Criar Edições, 2010.

CLANDININ, Jean D.; CONNELLY, Michael F. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2ª edição revisada. Uberlândia: EDUFU, 2015.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução José Claudino e Júlia Ferreira; adaptação à edição brasileira Maria Vianna. – São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Tradução: Cristina Antunes, João Wanderley Geraldo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

MATURANA, Humberto R.; MAGRO, Cristina; GRACIANO, Miriam; VAZ, Nelson (Orgs). **A ontologia da realidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MEIRA, Marly Ribeiro; PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte. **Arte, afeto e educação**: a sensibilidade na ação pedagógica. Porto Alegre: Mediação, 2010.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílina da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2ª edição, Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.